

valor perpassam esses quatro temas. Para tratá-los, nos valem de uma recepção especializada sobre esses conceitos e, principalmente, de parâmetros de abordagem do manuscrito e de sua história, bem como aspectos da sua materialidade, além de tomar a escrita de Saussure na perspectiva exposta na primeira parte desse trabalho: a aventura.

CAPÍTULO 2 - SIGNO LINGUÍSTICO

Aqueles que se ocuparam da língua(gem)¹⁹, de uma maneira ou de outra, atentaram para a natureza complexa desta. Não foram poucas as vezes em que isso se traduziu em pares. O que constitui o par e o modo como as duas unidades se relacionam não são vistos de forma unívoca: depende do ponto de vista do pesquisador e também do momento histórico da elaboração teórica que, como sabemos, tem influência na produção científica. A gênese da noção de signo linguístico repousa em um par, embora nem sempre ele tenha sido tomado nesta especificidade.

Assim, se a noção de signo é conhecida no mundo ocidental desde os gregos e a arbitrariedade do signo também já é pensada desde então,²⁰ não é surpreendente que o termo signo tenha muitas acepções que podem ser, inclusive, recolhidas no dicionário de inúmeras línguas. A bibliografia especializada não se cansa de repetir:

A noção de signo não é limitada à linguagem. As práticas mais arcaicas da adivinhação ou da astrologia apresentam-se como leituras de signos, aqueles aos quais se liga o destino dos homens.

19 Utilizamos a notação língua(gem) diversas vezes, visto que a distinção teórica entre língua e linguagem não é uma das primeiras da elaboração do genebrino, como veremos no último capítulo.

20 Ver Coseriu (1980).

Sem recorrer a uma transcendência qualquer, a caça (busca dos traços) ou a medicina (interpretação dos sintomas) utilizam muito naturalmente signos. Observou-se, na definição de Aristóteles citada mais acima [“os sons emitidos pela voz são os símbolos dos estados da alma”, p. 97], a utilização precisa da palavra símbolo (symbolon) para qualificar o signo linguístico. Em grego, o signo no sentido, por exemplo, do sintoma de uma doença se diz sêmeion. Trata-se de uma palavra que Platão utilizava igualmente para o signo linguístico. Aristóteles distingue claramente os dois; a teoria do signo linguístico é totalmente independente da teoria do sêmeion. Esta é exposta nos Primeiros Analíticos como um modo de raciocínio [...] (AUROUX, 1996, p. 98, *itálicos do autor, negrito nosso*).

A amplitude do termo, neste sentido, desautoriza qualquer trabalho exaustivo sobre o tema; além disso, as premissas básicas sobre os signos, seus elementos e seu funcionamento não são unânimes. Note-se que dois filósofos franceses contemporâneos discordam sobre um ponto crucial: se, ao primeiro (ver acima), a noção de signo não é limitada à linguagem, Milner, por sua vez, assinala a estreita e indissociável relação signo e linguagem, afirmando que é “impossible desormais de parler de langage ou de langue sans parler de signe; impossible aussi de parler de signe, sans parler du langage” (MILNER, 2002, p. 31). Tais diferenças fomentam intenso debate e indicam a produtividade da noção de signo nos estudos da linguagem, assim como comprovam a impossibilidade da estabilidade teórica desse termo ao longo dos séculos durante os quais ele transita entre os pensadores da linguagem ou não.

A reflexão sobre o signo, portanto, é muito anterior a Saussure. Nosso interesse, aqui, é o ponto de partida epistemológico do EDL. Assim, é necessário destacar alguns lugares de onde ele parte para a sua elaboração, embora esteja longe das nossas ambições recuperar a história da constituição teórica do signo ou mesmo situar

precisamente as fontes de Saussure.

Não obstante, alguns apontamentos podem favorecer a nossa leitura do manuscrito em que Saussure se aventura a abordar e reescrever esse conceito, transformando-o estritamente em signo linguístico, a partir de uma fórmula mínima constitutiva do mecanismo que rege a língua enquanto generalidade, que dá lugar aos idiomas particulares. Nessa trilha, o autor italiano da edição crítica do Curso de linguística geral chama a atenção para uma armadilha comum:

Um texto de divulgação tão amplo quanto o CLG não poderia deixar de encontrar em seu caminho resistências e desacordos de todos os tipos. Uma das formas mais frequentes, academicamente mais impecáveis e menos repreensíveis pelas quais a hostilidade para com o CLG se manifesta é a indicação dos precursores (DE MAURO, 1986a [1967], p. 380).²¹

Tullio De Mauro, portanto, levanta a hipótese de que a demanda pelos precursores teóricos de Saussure pode ocultar uma resistência a sua teorização.²² Considerando a plausibilidade dessa hipótese, seria preciso suspender a perspectiva ingênua de que a busca pelos antecessores de Saussure poderia sanar o impossível preenchimento de todas as dúvidas acerca da sua elaboração, especialmente sobre o signo.

De fato, a resistência a sua teorização não é um caso único; também Freud, Copérnico, Darwin ou Marx encontram objeções justamente porque suas teorias, assim como a de Saussure, destituem

21 No original : “Un texte de diffusion aussi large que le C.L.G. ne pouvait pas ne pas rencontrer sur son chemin des resistences et des désaccords de tous genres. Une des façons les plus communes, et académiquement les plus impeccables et le moins répréhensibles, dont se manifeste l'hostilité à l'égard du C.L.G. est l'indication des précurseurs.”

22 Seria fácil, mas não produtivo, listar uma quantidade enorme de críticas a Saussure que se baseiam nesse argumento.

o homem de um lugar de centralidade. Essa questão é amplamente discutida depois de Freud, que atribuiu a esse tipo de resistência o nome de “ferida narcísica”, constituída pelos abalos que as pesquisas científicas imprimem ao narcisismo humano.

Feita a ressalva, De Mauro se propõe a recuperar alguns trabalhos em torno da questão dos chamados precursores de Saussure até mesmo, segundo ele, para verificar que dimensão atingiu a oposição mal disfarçada que se manifesta nessa crítica específica. Nesse percurso, ele faz uma retomada rápida e pontual dos autores que sustentaram uma noção de signo mais provável de ter relação com a elaboração de Saussure.

É nessa toada que ele nos traz algumas informações que importam ao nosso trabalho neste momento. Se é mais difícil recuperar a noção de signo de maneira geral, a dificuldade não é tão intensa em relação à noção de signo dual, nos diz o linguista italiano. O signo concebido enquanto uma entidade composta de dois elementos foi de Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) a Agostinho (354 d.C.-430 d.C.), passando por Crisippo (279 a.C.-206 a.C.), chegando na lógica medieval – especialmente em Suger (1080-1151) – e enfim alcançando Gomperz (1873-1942), que foi professor na Alemanha. Essa trajetória de mais de dois mil anos carregou a noção de representação atrelada ao signo. A composição deste estava ligada ao som e ao sentido, embora esses dois termos não se mantivessem exatamente os mesmos durante esse período. Além disso, a concepção de um e de outro, bem como a relação entre eles, também não foi unânime nem constante na história do conceito.

Não se sabe o quanto Saussure bebeu dessas fontes. Evidentemente, que se levantam mais possibilidades de que o seu contemporâneo alemão tenha sido a sua fonte para as elaborações. No entanto, De Mauro constata que

les volumes de Gomperz ne figurent pas dans la bibliothèque de Saussure. On ne peut cependant pas exclure que Saussure en ait tiré la suggestion terminologique en question donc dans les cours de linguistique concept et image acoustique par signifié et signifiant (DE MAURO, 1986a [1967], p. 381).

Ajunte-se a essa dificuldade a reconhecida falta de referência nos manuscritos de Saussure e, em especial, nas aulas que ministrou no início do século²³, já que a referência bibliográfica, classicamente, sobeja na escrita com fins de publicação e aparece muito menos nos eventos de fala, mesmo aqueles acadêmicos, como a situação de aula.

Saussure, de fato, não facilita a tarefa do seu leitor no que diz respeito a referenciar autores que o precederam. Ao contrário, ele exige um leitor atento. As edições críticas do CLG fizeram muito a esse respeito²⁴, além de colocarem ao nosso alcance informações preciosas sobre o percurso de elaboração do genebrino.

Juntam-se a essa tarefa Engler, Godel e De Mauro que, na famosa nota 128 da sua edição crítica do CLG, traz os colegas para elucidar um ângulo importante da constituição teórica do conceito de signo linguístico. Trata-se da informação de que na lição de 02 de maio de 1911, Saussure diz que, no signo, uma imagem acústica está associada a um conceito e, na aula de 19 de maio, ele traz o par *significante* e *significado*, com consequências para a noção de signo (DE MAURO, 1986b [1967]). É tardia, portanto, na elaboração de

23 De Mauro (1986a) informa que o primeiro curso aconteceu de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907; o segundo, da primeira semana de novembro de 1908 ao dia 24 de junho de 1909; e o terceiro, de 24 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911.

24 É importante notar que a padronização dos textos técnicos e científicos é posterior à publicação do CLG. Assim, não era incomum, nas publicações do século XIX e início do XX, referências mais genéricas ou sem especificações de data, lugar e página. Além disso, um manuscrito que não foi enviado a uma editora e mesmo anotações destinadas a subsidiar aulas são espaços ainda menos formais de escrita, nos quais a referência é ainda mais rara.

Saussure, a concepção de signo com a terminologia signo = imagem acústica + conceito ou signo = significante + significado. No decorrer deste capítulo, veremos que esse movimento é bastante complexo e efeito de muita elaboração.

Também é digna de nota a questão terminológica que envolve os termos “fonética” e “fonologia”, no século XIX, propensa a confundir o linguista desavisado do século XXI. Os empregos dados a esses termos pelos linguistas do século XIX não coincidem com a terminologia atual, que deriva das reflexões pós-saussurianas. O próprio Saussure os utiliza da maneira como os seus contemporâneos o faziam. Não é incomum não observarmos o fato de que, no século XIX, os estudos fonéticos eram basicamente históricos. O CLG também apresenta uma concepção própria do século XIX, tanto para o termo “fonética” quanto para “fonologia”²⁵.

Tratada como “flutuação terminológica” (DE MAURO, 1986a/b [1967], p. 612), “deslizamento terminológico” (BOUQUET, 2000, p. 229) ou “deriva conceitual” (COURSIL, 2015, p. 162), essa questão pode se perder porque essas expressões concorrem para a trivialização do movimento de elaboração de Saussure, caso o lastro entre a terminologia e a elaboração teórica seja desconsiderado, pois se, à medida que a elaboração avança, ela exige mais da terminologia, o que ocorre não é flutuação, deslizamento ou deriva, mas ancoramento da terminologia em determinada conceptualização. Na verdade, o próprio Saussure, no CLG, é bastante claro ao dizer que um significante está sempre em condições de associar-se a outro significante.²⁶ De fato, o percurso teórico de Saussure em relação aos

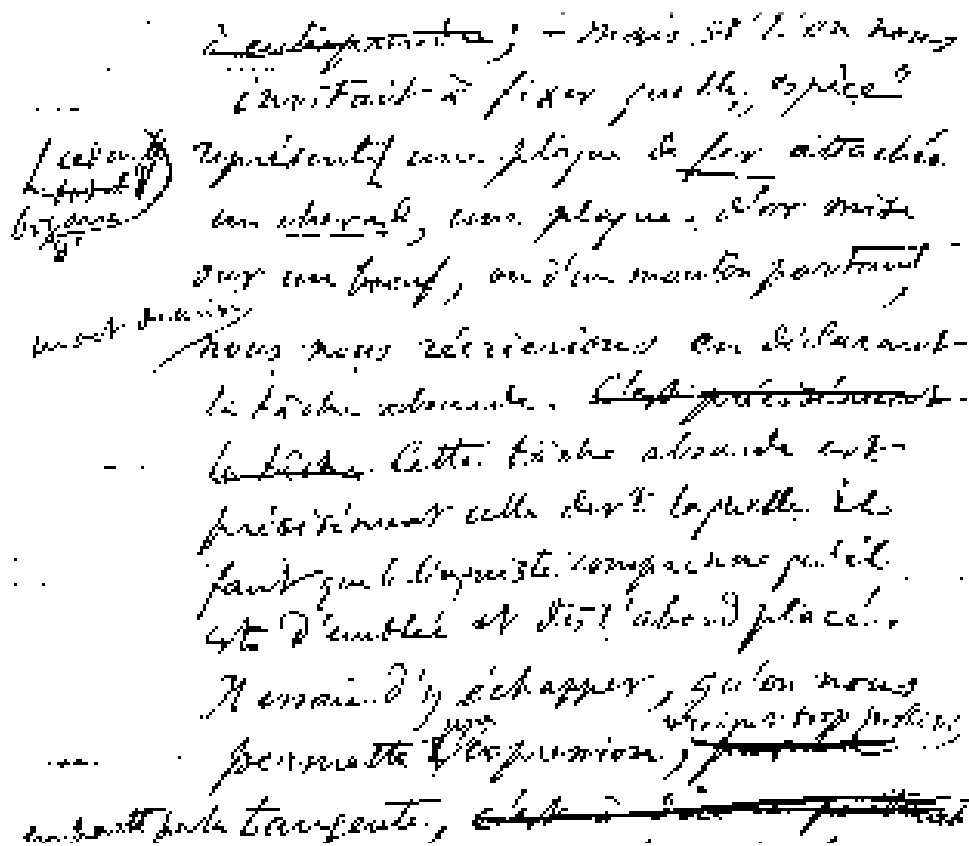
25 De Mauro (1986b [1967], p. 433-434) discorre longamente sobre o histórico de aparecimento desses termos, ao mesmo tempo em que se dava um amadurecimento dos conceitos.

26 No EDL, Saussure fala de “acoplamentos de objetos heterogêneos” - assim, sublinhado. Na página 119 do CLG, ele usa o termo “associação” e, em outros momentos, “deslocamento” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 89 e 233).

termos que compõem o signo é bastante longo e acidentado, como atesta o EDL. De Mauro (1986b [1967]) atenta para o laço existente entre a nova terminologia e o sentido mais profundo do princípio da arbitrariedade do signo. Com efeito, a epistemologia linguística que deriva da produção saussuriana está baseada em uma série de conceitos que se encontram totalmente interligados.

No início do manuscrito EDL, Saussure nos apresenta uma questão epistemológica que aponta a interligação dos conceitos. Em seguida, nos é colocado um problema diretamente ligado ao objeto da área de estudos da linguagem, a difícil categorização de uma “espécie” composta por dois elementos diferentes:

Figura 9 - Reprodução da folha 8 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 8)

-mas se nos
 pedissem para determinar que ‘espécie’
 representa o conjunto bizarro de uma barra de ferro presa

a um cavalo, uma barra de ouro em cima
 de um boi, ou de um carneiro que ostenta
 um enfeite de cobre nós ficaríamos espantados achando
 a tarefa absurda. É ~~precisamente~~
~~a tarefa~~ essa tarefa absurda é
 precisamente aquela na qual é
 preciso que o linguista compreenda que
 está de repente e antes de tudo colocado.
 Ele tenta fugir, que nos
 seja permitida ^{uma} expressão, ~~xxxxxx~~ ^{muito justa neste caso}
 escapando pela tangente, isto é ~~xxxxxx~~

O uso de metáforas não é incomum nos manuscritos de Ferdinand de Saussure. Elas também apareceram muito nos seus cursos e se consagraram no CLG. Nesse fragmento do EDL, o genebrino chama a atenção para a difícil definição dessa “espécie” constituída de dois elementos distintos (uma barra de ouro em cima de um boi) e salienta que essa é a tarefa diante da qual o linguista está colocado – da qual não deve fugir.

A imagem, dada já no início do manuscrito, é suficientemente sugestiva e interessante para pensarmos a aventura do linguista genebrino nesse texto. Note-se que ele classifica a tarefa de absurda e fala que o linguista tenta escapar dela. Parece-nos que ele coloca essa tarefa absurda como uma necessidade do linguista e, portanto, dele próprio. Ou seja, Saussure parece ser guiado pela potência da Necessidade, Ananche, mas reconhece que, para atingir os seus objetivos, tem que se haver com outras potências no seu caminho, já que a tarefa parece assustadora, afugentando os linguistas. Essa dificuldade é uma espécie de Daimon que se apresenta tanto como aquele “que provém o espírito, a luz e o calor – ele é o genitor” (AGAMBEN, 2018, p. 12) quanto aquele que, segundo Goethe, não pode ser apreendido por nenhum conceito e ainda menos por uma palavra e que, além disso, “parecia misturar-se com todos os outros”

(GOETHE apud AGAMBEN, 2018, p. 15).

Tal tarefa absurda – enfrentar o que “parecia com prazer-se apenas com o impossível” (AGAMBEN, 2018, p. 15) – seria abraçada pelo genebrino na aventura a que ele se propôs nessa escrita. O leitor do CLG reconhecerá que essa unidade de elementos heterogêneos é aquilo que, na publicação, nós lemos como signo linguístico.

É importante notar que a elaboração sobre o signo é praticamente onipresente nos manuscritos saussurianos. Há uma variada nomenclatura que circunda essa elaboração, que tende a rarear nas suas aulas do início do século XX. Em outros manuscritos de Saussure produzidos na mesma época em que ele escreveu o EDL, não é raro encontrar uma profusão terminológica em torno da elaboração do que, mais tarde, ficou conhecido como signo linguístico. Por exemplo, no manuscrito Notes “Item” Sôme et sème, com data presumida pelos catalogadores de 1897²⁷ (portanto, escrito pouco depois do EDL), depreende-se um Saussure submerso nessa questão.

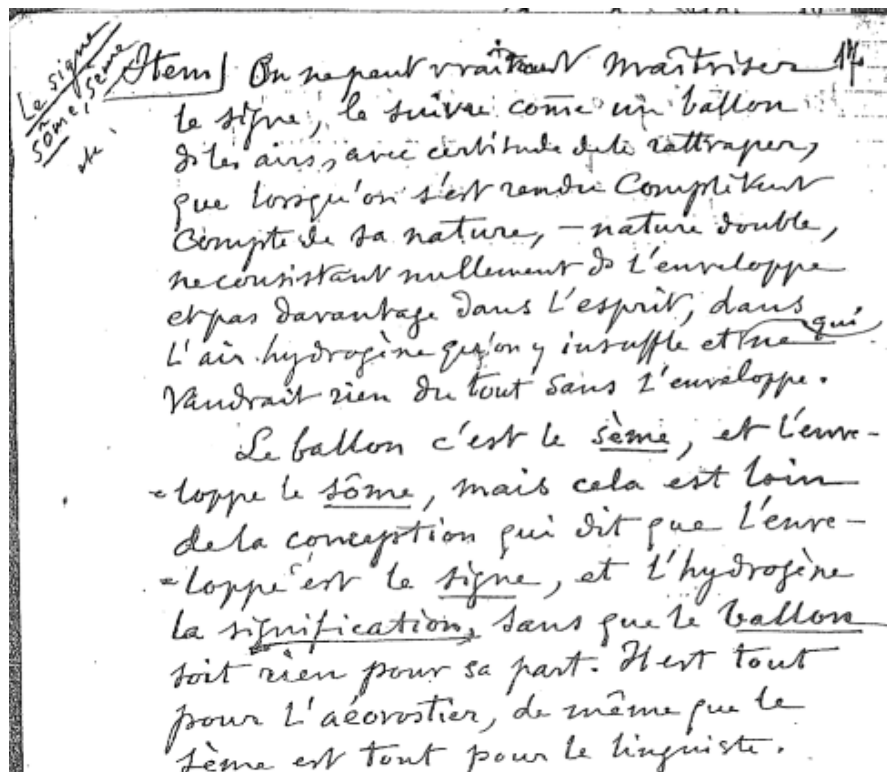
Em Notes “Item”, vemos uma profusão de elementos que concorrem para a caracterização do signo. É um manuscrito no qual a locução “signo linguístico” aparece, ao contrário do EDL. Nós o apresentamos apenas para mostrar como nesse momento da elaboração de Saussure a noção que acompanhava o termo “signo” oscilava na mesma medida em que a sua teoria era elaborada:

O signo, soma, sema, etc. Item Só se pode, verdadeiramente, dominar

o signo, segui-lo como um balão
no ar, com certeza de alcançá-lo,
apenas quando nos dermos conta completamente
da sua natureza, - natureza dupla,
necessitando em nada do envelope

²⁷ A data é conjecturada em função de o manuscrito fazer referência à Bréal. Os catalogadores presumirem que seja uma referência à obra *Essai de sémantique*, publicada em 1897.

Figura 10 - Reprodução da folha 17 do manuscrito *Notes "Item" Sôme et sème*, conservado na BGE, sob a inscrição Ms. Fr. 3951-15



Fonte: Saussure (1897, p. 17)

e tampouco do espírito, no ar hidrogênio que o insufla e que valeria coisa nenhuma sem o envelope. O balão é o séma, e o envelope o soma, mas isso está longe da concepção que diz que o envelope é o signo, e o hidrogênio a significação, sem que o balão seja nada por sua vez. Ele é tudo para o aerosteiro, assim como o séma é tudo para o linguista.

Saussure se apoia novamente em uma metáfora, muito mais leve que a anterior. Nesse fragmento do manuscrito, a natureza do termo “signo” também não parece ter uma ancoragem teórica sólida – ela parece oscilar. No início, é possível pensar que se trata da fórmula mínima do mecanismo da língua: o signo como um balão cuja “natureza é dupla” (envoltório e ar, ou, metaforicamente,

envoltório e espírito). Mas é preciso notar que, em seguida, fica claro que a passagem concerne apenas um dos elementos dessa fórmula: “o envelope é o signo”. Esse fragmento do manuscrito Notes “Item” está longe de ser claro, pelo menos para o leitor do século XXI, mas o leitor do CLG percebe que a noção de signo ali pode se aproximar mas não é a mesma da publicação, pelo menos não com a mesma clareza.

Nessa metáfora, Saussure considera o balão, adequadamente, um aeróstato, um veículo mais leve que o ar. O aerosteiro, aquele que leva o balão e é levado por ele, é comparado ao linguista. Se compreendermos razoavelmente a sua metáfora, tanto para o aerosteiro quanto para o linguista, o que importa é o todo feito pelos dois elementos dessa célula única, o balão para o primeiro e o signo para o segundo.

Sendo assim, nessa segunda metáfora, Saussure retoma o funcionamento da fórmula mínima da ciência da linguagem, que ainda não é a que conhecemos no CLG, como sabemos. Além disso, tanto em Notes “Item” como no EDL, o termo “signo” se presta, na maioria das vezes, a nomear isso que veio no lugar da figura vocal, que, por sua vez, veio no lugar do som. Observe-se que, no manuscrito Notes “Item”, o envoltório é o signo e o hidrogênio a significação.

O fato é que, apesar de as relações entre som e sentido serem de interesse de qualquer estudioso empenhado na pesquisa sobre a linguagem desde tempos remotos – e Saussure estava incluído nesse grupo –, vale ressaltar que, na produção saussuriana, havia uma preocupação em responder mais diretamente aos seus pares, seus professores, enfim, à linguística vigente no seu tempo, o século XIX, com a qual ele não concordava.

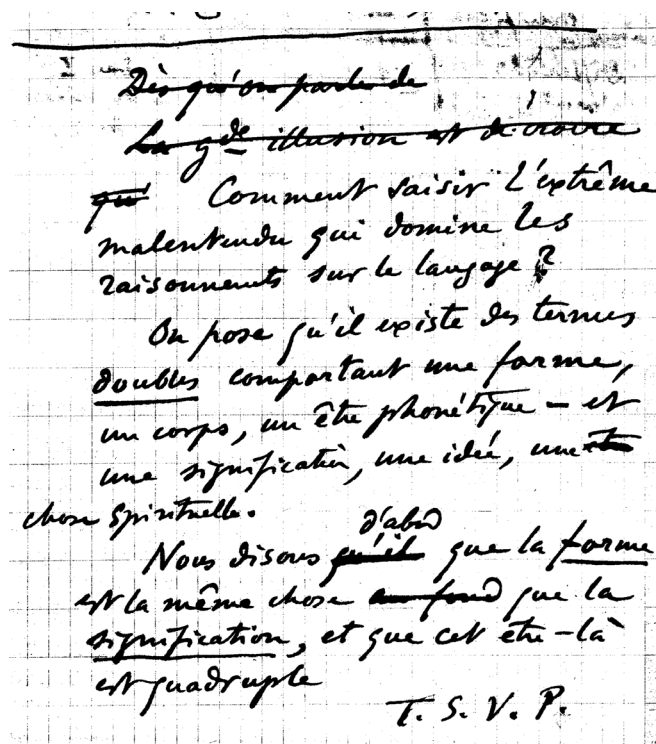
É sobre essa linguística que Jakobson se detém na sua primeira

lição na Escola Livre de Altos Estudos de Nova Iorque, em 1942²⁸, abordando, mais especificamente, o estudo do som, afirmando que na atitude empírico-naturalista do século XIX

esquecia-se propositadamente o facto de se tratar de um significante, visto não ser de maneira nenhuma a função linguística dos sons que interessava os linguistas, mas os sons como tais, os sons em ‘carne e osso’, sem atender ao papel que desempenham na língua (JAKOBSON, 1977, p. 21).

Saussure cita pouco, mas deixa marcas da sua interlocução nos seus manuscritos. Observe-se:

Figura 11 - Reprodução da folha 73 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 73)

28 Cf. *Seis lições sobre o som e o sentido*, de Jakobson (1977), com prefácio de Lévi-Strauss.

~~Que se fale de~~
~~A grande ilusão é acreditar que~~
Como definir o extremo
mal-entendido que domina as
reflexões sobre a linguagem?
Supõe-se que existem os termos
duplos comportando uma forma,
um corpo, um ser fonético - e
uma significação, uma ideia, uma ~~ser~~
^{coisa} espiritual.
Nós dizemos ~~que a~~^{inicialmente} que a forma
é a mesma coisa ~~no fundo~~ que a
significação e que esse ser
é quadruplo

vire a folha por favor

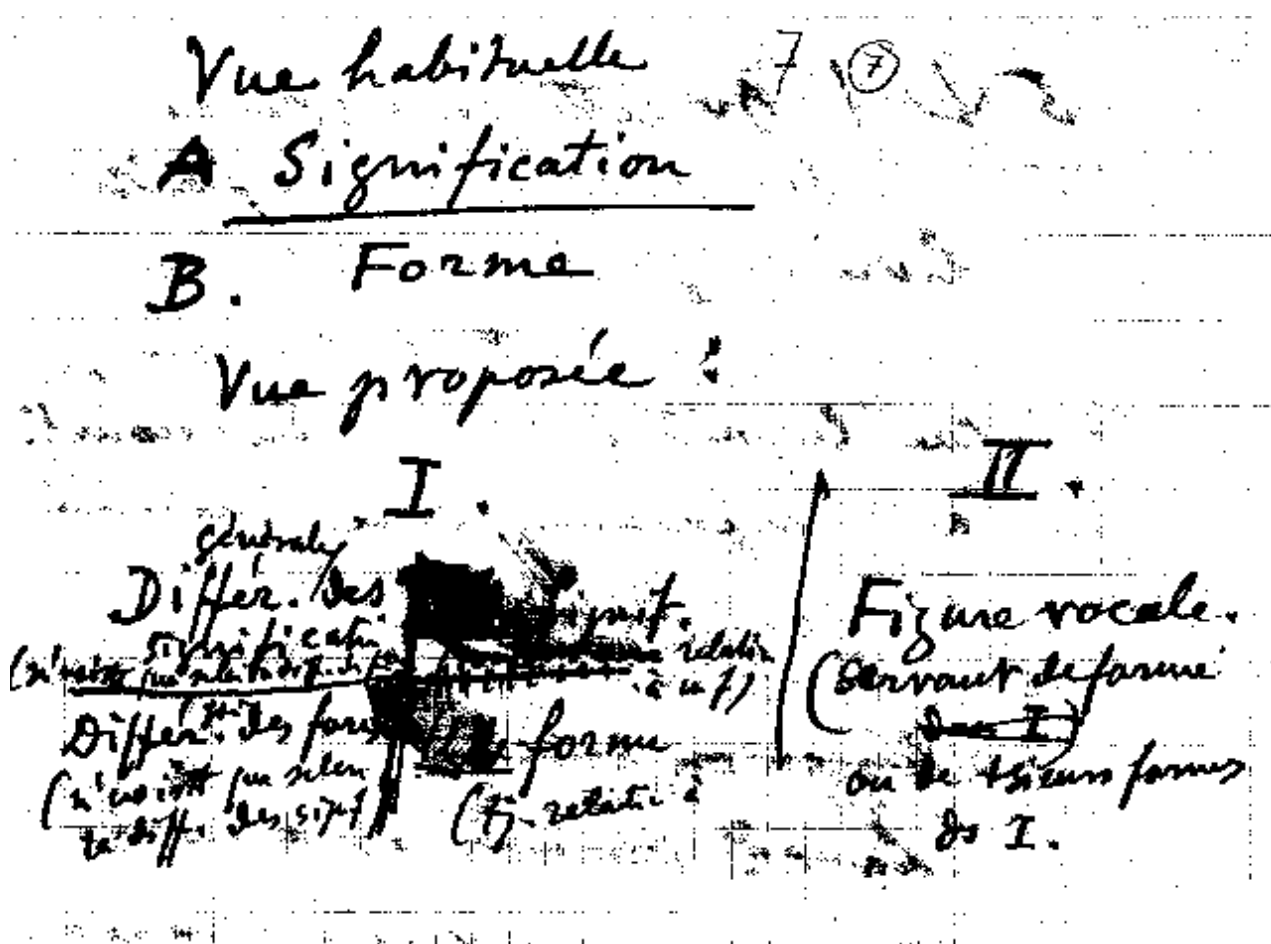
Notemos que Saussure inicia dizendo que se trata de uma ilusão, o que rasura, classificando apenas de mal-entendido as reflexões da sua época sobre essa célula básica da linguagem, a saber, a suposição que existem termos duplos: corpo (fonético) e espírito (ideia) ou forma e significação. Essa afirmação de Saussure, em 1891, antes ainda de Jakobson nascer, lembra o que o russo, que não leu o EDL, escreveu em 1944: o som para os contemporâneos de Saussure era de “carne e osso”.

Saussure aventura-se a defender, embora de forma claudicante, uma mudança nessa concepção. Há uma imprecisão na sua conceituação, que ele marca através da inserção e da rasura de dois termos que atenuam o que ele propõe (“d’abord” é inserido e “au fond”, rasurado). De modo geral, como ele mesmo indica, Saussure contesta os seus contemporâneos e levanta a possibilidade de a forma ser a mesma coisa que significação e de esse ser, que é o termo, passar de duplo a quádruplo. No entanto, ele pede que se vire a folha, ou seja, pretende explicar melhor a questão. Para isso, recorre a um esquema que se revela todo borrado pela tinta que escorre da

sua pena, embora o deslocamento teórico ao qual ele se propõe não fique totalmente ilegível a quem o segue nessa jornada.

Nunca é demais lembrar que, no manuscrito EDL, o termo “significante” é inexistente, enquanto no CLG sua presença é farta e, na grande maioria das vezes, designa um dos elementos dessa célula mínima do mecanismo da linguagem, que no CLG aparece como “signo”²⁹. Apesar da impossibilidade de ler um manuscrito de Saussure como se nunca se tivesse lido o CLG, é preciso atenção ao anacronismo.

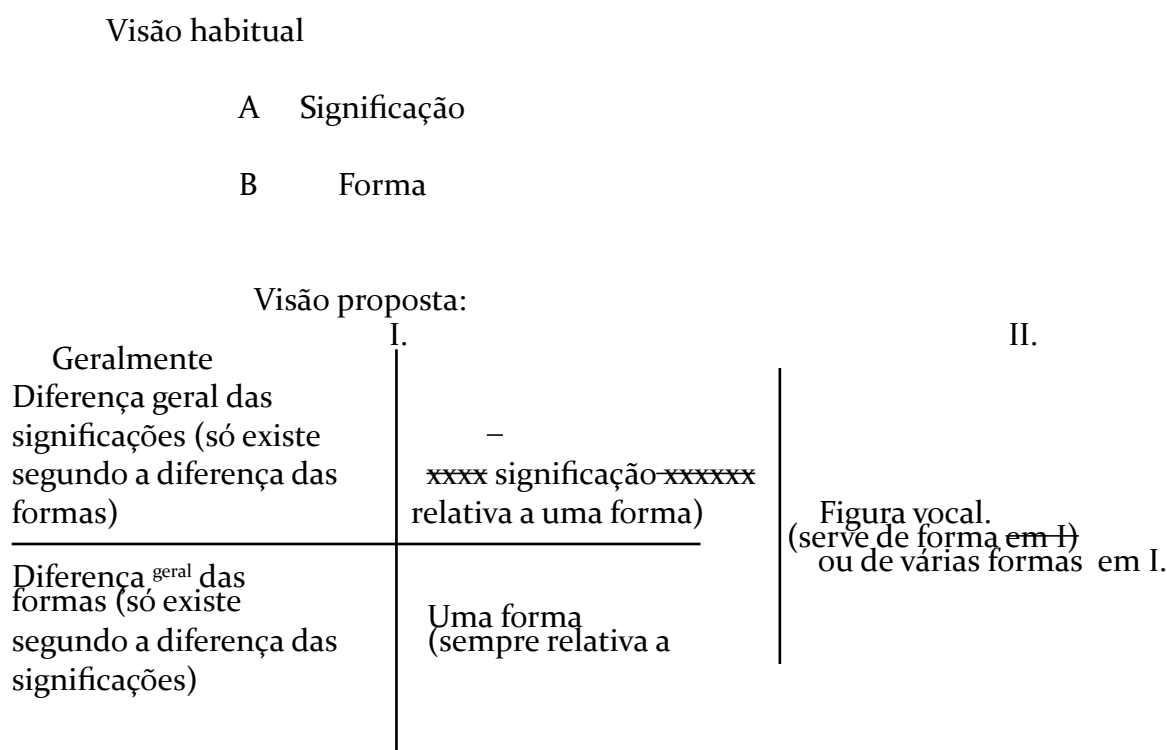
Figura 12 - Reprodução da folha 74 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 74)

29 Especialmente nos capítulos “O objeto da linguística”, capítulo III da Introdução, e “Natureza do signo linguístico”, capítulo I da parte III.

No fragmento do manuscrito a seguir, podemos acompanhar a aventura de Saussure em escrever essa fórmula mínima da linguagem e ver que o que se conhece hoje como “significante” era definido por ele, nesse momento, apenas como “forma”. Ele tenta a escrita dessa fórmula de várias maneiras:



Aqui a fórmula é escrita ocupando um grande espaço da folha, em letras grandes e inequívocas. Em um traço firme, Saussure indica o que chama de “visão habitual” e distingue A – a *significação* – de B – a *forma*. Os elementos estão separados por um traço. Em um espaço de tamanho semelhante, com letras bem menores e amontoadas, ele aponta a “visão proposta” em um diagrama que se propõe a explicar a sua proposta de fórmula. Nela, além das palavras “*forma*” e “*significação*”, aparecem as palavras “*diferença/relativa*” e “*várias*”, mostrando que há um funcionamento no qual a existência de uma *forma* e de uma *significação* são dependentes das suas diferenças relativas às várias outras formas e significações.

Percebe-se, na verdade, que Saussure pretende mais do

que sustentar que um elemento é a contraparte do outro no lado oposto da barra. Ele procura esclarecer o imbricamento entre vários elementos na horizontalidade. Assim, passa-se de dois a quatro (ou vários) elementos, porque a relação está para além da verticalidade da fórmula.

Saussure ainda observa que *a forma* ou *a significação* são sinais de uma concepção falsa de língua, porque tal compreensão poderia supor que haveria uma significação correspondente a uma forma; no entanto, há apenas “diferenças de formas e diferenças de significações”, como emenda o genebrino.

Está, assim, feita a crítica a uma noção de língua(gem) do seu tempo e iniciada a proposta de uma nova escrita do elemento mínimo do objeto de estudos da linguagem, bem como de seu funcionamento. É digno de nota que, nesse manuscrito, há um deslocamento na nomeação e, portanto, na definição dos elementos dessa fórmula.

É patente a irregularidade na denominação de um dos elementos dessa fórmula mínima da linguagem, como encontramos: *signo*, *signo vocal*, *som puro*, *figura vocal*, *forma*. Do outro lado da barra, há a *significação*, cuja nomenclatura se mantém. A palavra “signo”, por exemplo, começa a variar. Para assegurar o seu sentido, Saussure busca, frequentemente, acrescentar um qualificativo a ela.

Para isso, em um determinado momento da sua elaboração, no EDL, Saussure fala de “toda espécie de signo existente na linguagem” e vai enumerando os fatos de linguagem pelos quais esse termo pode responder. Ele inicia pelo som na língua, o “signo vocal”; menciona, também, a palavra, “signo completo”; o sufixo ou a raiz, “signo complementar” e, ainda, o “signo não vocal”, que “tem um valor [...] puramente não positivo e conseqüentemente, essencialmente NEGATIVO”.

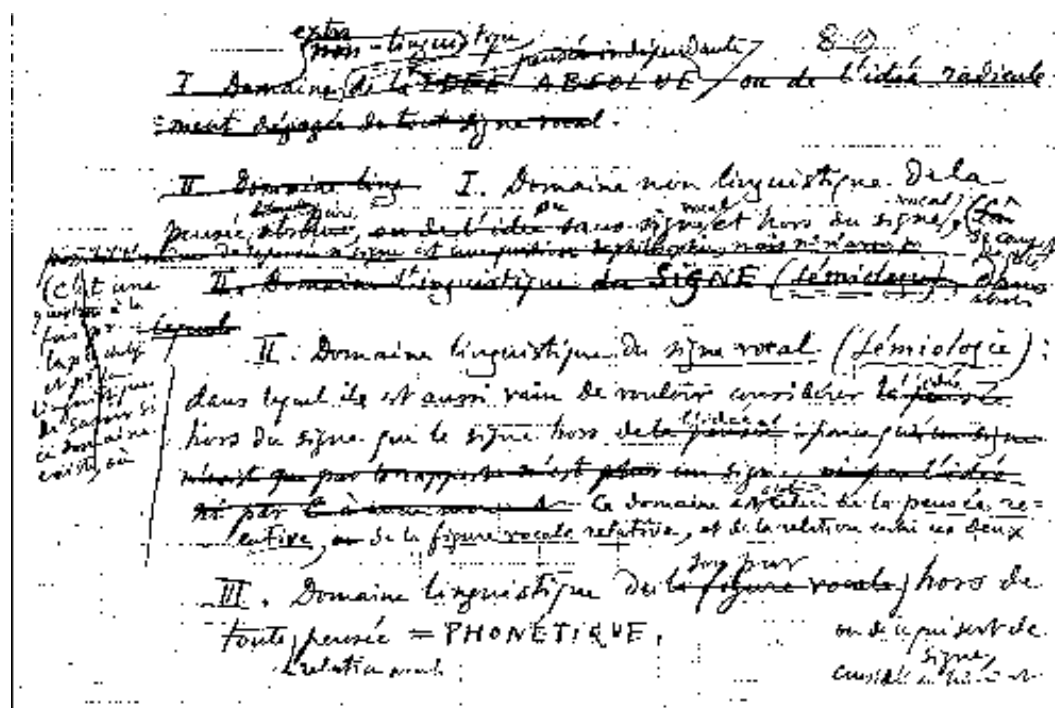
Contudo, evitamos aqui a expressão, comum nos estudos

saussurianos, “flutuação terminológica” porque, se não for devidamente contextualizada, ela pode nos conduzir a um atalho do percurso acidentado da elaboração de Saussure que configura a aventura que ora perseguimos.

As nossas pesquisas no campo saussuriano já nos permitiram sustentar que há um movimento na elaboração de Saussure, ou seja, deslocamentos teóricos. À medida que isso ocorre, a terminologia tende a se movimentar também. É o caso do termo “signo”: no EDL, o que ele designa varia muito, havendo sempre necessidade, como dissemos anteriormente, de um qualificativo para especificar o referente; no CLG, entretanto, o termo alcança uma certa estabilidade conceitual que difere profundamente do uso dado no EDL.

Acompanhemos a aventura de Saussure em um momento do seu manuscrito que se apresenta de difícil leitura em função da grande quantidade de rasuras, repetições, frases inacabadas e incisos. À primeira vista, parece um momento caótico da sua elaboração, mas, com certa insistência, percebemos a sua tentativa, ainda, de avançar na elaboração dessa célula mínima do objeto da linguística:

Figura 13 - Reprodução da folha 79 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 79)

I. ~~Domínio não-linguístico da ideia~~ ^{domínio não-linguístico} ~~absoluta ou d ideia radicalmente~~ ^{absoluta} ~~separada de todo signo vocal.~~

H. ~~Domínio ling I. Domínio não linguístico do~~ ^{domínio não linguístico} ~~pensamento absoluto, o da ideia sem signo vocal e não do signo vocal, (A~~ ^{possibilidade} ~~mesmo do pensamento do signo ser uma questão de filosofia, mas nós não temos~~ ^{se compõe de quantidades}
(é uma questão às vezes por lapso xxx e pela linguística de saber-se esse domínio existe, onde-

H. ~~Domínio linguístico do signo (semiologia): na~~ ^{domínio linguístico} ~~o qual~~ ^{absolut}

II. ~~Domínio linguístico do signo vocal (semiologia):~~ ^{domínio linguístico} ~~no qual é vão querer considerar o pensamento~~ ^{a ideia} ~~fora do signo bem como o signo fora do pensamento:~~ ^{da ideia} ~~não existe senão pela relação não é mais um signo nem a ideia~~ ^{porque um signo} ~~nem por nenhum momento esse domínio é~~ ^{aquele do pensamento re-} ~~lativo, ou da figura vocal relativa, e da relação entre os dois~~

III. ~~Domínio Linguístico da~~ ^{som puro} ~~figura vocal~~ ^{ou disso que serve de signo considerado nele mesmo} ~~todo~~ ^{relativamente} ~~pensamento = FONÉTICA.~~ ^{fora de}

Saussure aventura-se a ir à contramão dos linguistas que buscam fugir da tarefa absurda de determinar qual é o “conjunto bizarro” composto por esses elementos distintos, que não podem ser tomados por si só. Ele percebeu anteriormente, na escrita desse mesmo manuscrito, que cada um desses elementos, além de precisar um do outro (na verticalidade da fórmula), também necessitava de outros da mesma natureza (na horizontalidade da fórmula) para se definir.

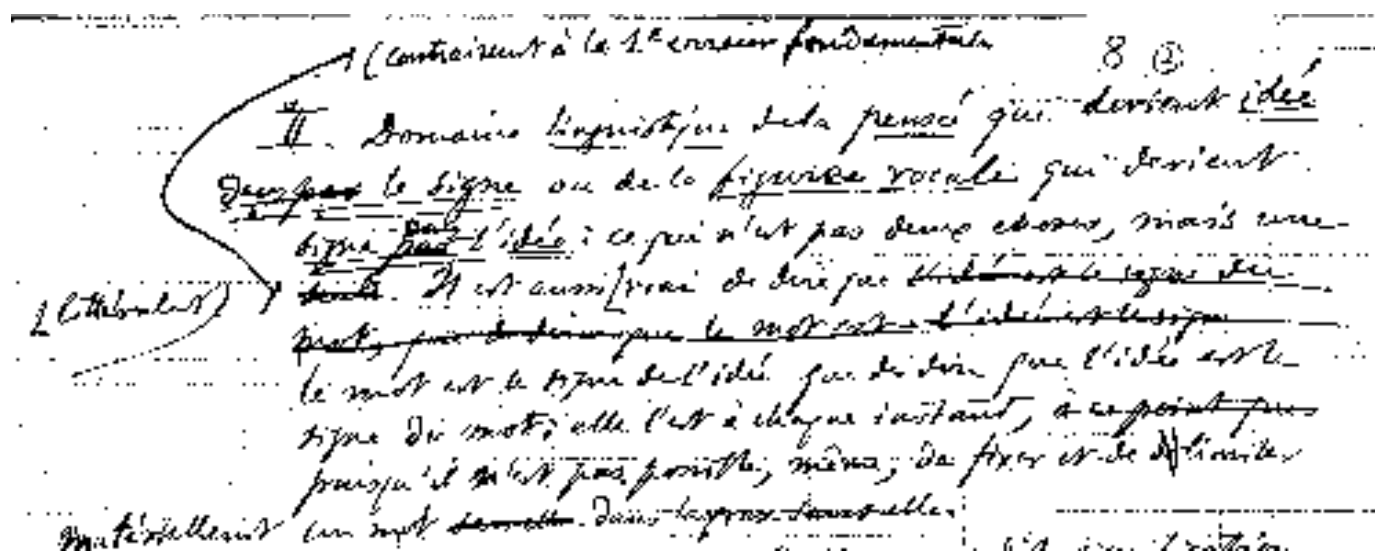
Dessa forma, Saussure tenta estabelecer qual o domínio de cada um desses elementos distintos, que, no entanto, não podem ser tomados isoladamente. Todavia, como vemos, ele não se contenta com nenhuma definição de figura vocal ou pensamento que não seja relativa, como sublinhado nas últimas linhas. Assim definidos, esses elementos seriam do domínio linguístico ou mesmo da semiologia, que aparece entre parênteses. Esse passo o levou a concluir que, no estado puro do som, o que ele cogitou em chamar de figura vocal, mas rasurou, esse estado fora do funcionamento relacional – e, portanto, desligado do pensamento – é do domínio da fonética.

Observemos que, nas rasuras das linhas iniciais desse fragmento do manuscrito, ele oscilou entre domínio linguístico e não linguístico

tanto para o som como para o pensamento fora da relação entre eles, mas preferiu a formulação que separa em linguístico (semiológico) e fonético, no caso do som puro.

Notemos como ele resolve a questão do outro elemento dessa fórmula, a ideia ou o pensamento, segundo a sua terminologia neste momento:

Figura 14 - Reprodução da folha 80 do manuscrito *De l'essence double du langage*, conservado na BGE, sob a inscrição Arch. de Saussure 372



Fonte: Saussure (1891a, p. 80)

II. Domínio linguístico do pensamento, que se torna ideia
 no pelo-signo, ou uma figura vocal que se torna
signo pela ^{na} ideia: o que não é duas coisas, mas uma,
 única. É também ^{literalmente} ^{contrariamente ao primeiro erro fundamental} verdadeiro dizer que a ideia é o signo da
 palavra, que dizer que a palavra é a ideia do signo
 a palavra é o signo da ideia e dizer que a ideia é o
 signo da palavra; ela o é a cada instante, a esse ponto que
 já que não é possível, nem mesmo fixar e delimitar
 materialmente uma palavra sem ela na frase sem ela

É muito interessante, nesse fragmento, a rasura de algumas preposições. O primeiro uso de “pela”, que significa “através de” é rasurado duas vezes. Ela é substituída, no inciso, por “no”, que significa “no interior de”. Esse movimento mostra que a necessidade de reformulação da teoria está indo além e também

indica o enfrentamento do que ainda não havia sido escrito, que não se resume à renovação da terminologia. O grão de areia das preposições é fundamental para determinar o tipo de relação entre esses elementos, mesmo antes de a terminologia ser renovada.

Neste sentido, no domínio linguístico, o pensamento se torna ideia, e a figura vocal se torna signo por meio da associação entre eles, que se qualifica não por uma relação de um através do outro, o que implicaria uma identidade anterior, mas por uma relação na qual um adquire a sua identidade NO outro: o pensamento se torna ideia no sign(ificante) e a figura vocal se torna sign(ificante) na ideia.³⁰

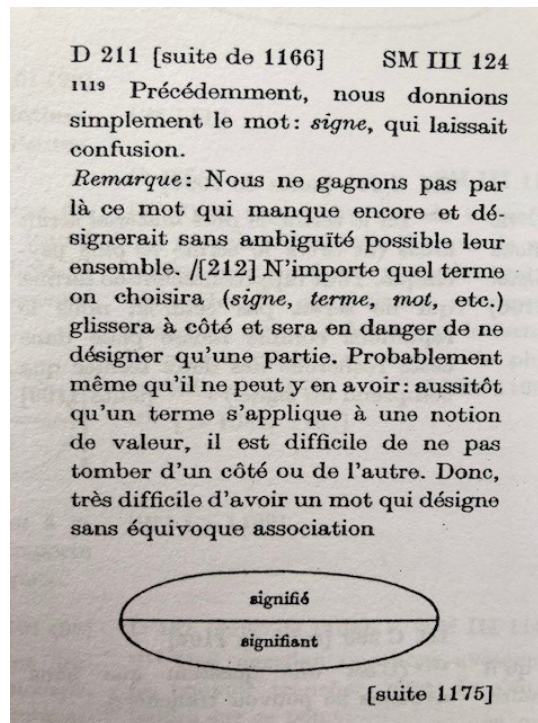
A aventura de Saussure encontra-se com os limites do linguista em geral e do linguista que ele é. No início do manuscrito, ele já adverte sobre a tarefa absurda, da qual não se pode escapar, de se ater ao conjunto formado por elementos heterogêneos e não ao funcionamento específico de cada um, porque, separados, eles perdem a função que o conjunto lhes dá – é nisso que o linguista precisa se fixar.

No caso do estabelecimento da nomenclatura dessa fórmula mínima do mecanismo da linguagem, há unanimidade. A partir de 1950, os cadernos de outros alunos que estiveram presentes nos três cursos que Saussure ministrou entre 1907 e 1911 começaram a chegar à Biblioteca Universitária de Genebra, e as edições críticas do CLG tiveram início. A primeira foi de Robert Godel, a segunda de Tullio De Mauro e a terceira de Rudolf Engler. Diferentes entre si, mas com o mesmo objetivo, trazem informações distintas, mas raramente conflitantes. Godel, De Mauro e Engler situam a aula de 19 de maio de 1911 como aquela na qual a nomenclatura consagrada no CLG é enunciada por Saussure. As notas dos seus alunos Dégallier

30 Sabendo que o leitor deste trabalho é conhecedor da noção moderna de signo e significante, trouxemos, aqui, o termo “signo”, do EDL, na acepção mais próxima do que hoje conhecemos por significante. Por isso, o grafamos sign(ificante).

e Constantin, presentes na aula, confirmam:

Figura 15 - Reprodução da página 151 do tomo 1 do *Cours de linguistique générale*:
édition critique par Rudolf Engler



Fonte: Saussure (1989b)

A decisão de Bally e Sechehaye foi consagrada no CLG. Para quem acompanhou a elaboração de Saussure no EDL e também teve a oportunidade de ver o manuscrito *Notes "Item"*, ela é muito clara e concisa:

A ambiguidade desapareceria se designássemos as três noções aqui presentes por nomes que se relacionem entre si, ao mesmo tempo que se opõem. Propomo-nos a conservar o termo *signo* para designar o total, e a substituir *conceito* e *imagem acústica* respectivamente por *significado* e *significante*; estes dois termos têm a vantagem de assinalar a oposição, que os separa, quer entre si, quer do total de que fazem parte. Quanto a *signo*, se nos contentamos com ele, é porque não sabemos por que substituí-lo, visto não nos sugerir a língua usual nenhum outro (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 81, grifos do autor).

Refletindo sobre as colocações de Saussure no EDL, notamos

que ele foi conseqüente com a necessidade de reformular a terminologia. No entanto, mesmo mais de uma década depois, ele sente os efeitos da ausência de um nome para aquilo que ainda não era visto por nenhum linguista. Esse encontro com o que ainda não teria sido nomeado é o que nós associamos a Daimon, a potência que se manifesta somente na contradição, que se compraz com o impossível, como afirma Agamben. Porém, se, no manuscrito, as rasuras, incisos, frases inacabadas e reescritas indicam que Saussure estava diante de uma nomeação de enorme dificuldade, no CLG, trata-se apenas de ambigüidade. Apesar disso, no próprio CLG, não é incomum verificar momentos nos quais essa terminologia é utilizada de maneira diferente, já que a edição compila dados de três cursos diferentes ministrados ao longo de quatro anos, entre 1907 e 1911.

É também notável o recurso de Saussure às metáforas nessa elaboração. No início do manuscrito EDL, Saussure recorre à metáfora da barra de ouro e do cavalo para pensar a fórmula mínima do mecanismo da língua, enquanto em *Notes "Item"*, ele recorre à metáfora do balão e, no CLG, à metáfora da folha de papel:

A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é o anverso e o som o verso; não se pode cortar um sem cortar, ao mesmo tempo, o outro; assim tampouco, na língua, se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som; só se chegaria a isso por uma abstração cujo resultado seria fazer Psicologia pura ou Fonologia pura (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 131).

São três momentos diferentes de sua elaboração sobre o mesmo tema, nos quais a dificuldade em explicar o tipo de relação entre esses dois elementos o levou a utilizar-se das metáforas³¹.

³¹ Mais especificamente sobre a questão da metáfora na linguística saussuriana ou na ciência em geral, ver Normand (2009) e Klippi (2010), respectivamente.

É importante assinalar que são três momentos diferentes da elaboração de Saussure. No entanto, a questão sempre é a combinação de dois elementos distintos entre si que, ao se associarem nessa célula, se alteram e formam outro elemento. Tal complexidade engendra domínios diferentes para cada um desses elementos. Após a associação, como se vê no CLG, eles são da linguística; fora da associação, um é da psicologia pura e outro da fonologia pura. No EDL, esses domínios passavam pela semiologia e pela fonética.

É preciso também observar que Saussure, quando está às voltas com a elaboração sobre o signo, no EDL, é bastante atento à questão das relações entre os elementos componentes dessa célula mínima, assim como dela própria. Em uma formulação sua do CLG, ele é bastante enfático: “O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos que o que existe ao redor dele nos outros signos” (SAUSSURE, 1973 [1916], p. 139). Além disso, a elaboração de Saussure sobre o signo linguístico implica a constituição de outra questão teórica: a combinação dos elementos de duas ordens produz uma forma, não uma substância.

Notadamente, a trajetória de Saussure até essa conclusão é longa e acidentada, mas é enquanto Saussure escreve que a sua aventura de linguista é realizada. Acompanhando um pouco mais o EDL, veremos os destinos dessa aventura. Portanto, em seguida, nos voltaremos para essa questão da forma e da substância no manuscrito *De l'essence double du langage* para surpreender Saussure em tal elaboração.

CAPÍTULO 3 - FORMA E SUBSTÂNCIA

Nunca nos comparamos o bastante dessa verdade [a língua é uma forma, e não uma substância], pois todos os erros de nossa terminologia, todas as maneiras incorretas de